



Jacyntho Lins Brandão (trad.) (2022) *Epopéia da criação*. Enūma Eliš. Tradução, introdução e comentários. Belo Horizonte: Autêntica, 430p. ISBN: 978-65-5928-201-2

Andrea Vilela (Universidade de São Paulo)¹
andreavilela@usp.br

Doutor em letras clássicas pela Universidade de São Paulo e sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC, Jacyntho Lins Brandão é atualmente professor emérito na Universidade Federal de Minas Gerais, onde ele lecionou língua e literatura grega até 2018. Além de uma rica produção bibliográfica na sua área de especialidade, também se interessou nos últimos anos pela literatura mesopotâmica e pela língua acádica. Foi assim que ofereceu traduções em português de textos fundamentais dessa tradição cultural, como a *Descida de Ishtar ao mundo dos mortos* e a *Epopéia de Gilgamesh*, que beneficia de uma edição crítica acompanhada de comentários e uma edição compósita abreviada.² Ambas edições da *Epopéia de Gilgamesh* foram resenhadas em um prévio volume do *MAR*.³

Não é, portanto, de surpreender o interesse pela *Epopéia da criação*, ou *Enūma Eliš* (“Quando no alto”, segundo o título original em acádio), que é uma obra central da tradição literária e religiosa babilônica. Embora seja conhecida

¹ Pós-doutoranda no Departamento de História da Universidade de São Paulo com bolsa da FAPESP (Processo número: 2022/01388-1). Membro do Laboratório do Antigo Oriente Próximo (LAOP) da USP e pesquisadora associada ao laboratório UMR 5133 – Archéorient (CNRS/Université Lumière Lyon 2, Lyon, França).

² Jacyntho Lins Brandão (2019) *Ao Kurnugu, terra sem retorno: Descida de Ishtar ao mundo dos mortos*. Curitiba: Kotter. Edição crítica da *Epopéia de Gilgamesh*: Jacyntho Lins Brandão (trad.) (2017) *Sin-léqi-unninni. Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgamesh. Introdução, tradução e comentários*. Belo Horizonte: Autêntica. Edição abreviada: Jacyntho Lins Brandão (trad.) (2021) *Epopéia de Gilgamesh. Texto, tradução e notas*. Belo Horizonte: Autêntica.

³ Matheus Treuk. Resenha de Jacyntho Lins Brandão (trad.) *Sin-léqi-unninni. Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgamesh. Introdução, tradução e comentários*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017; Jacyntho Lins Brandão (trad.) *Epopéia de Gilgamesh. Texto, tradução e notas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. *Mundo antigo em resenha*, 2, 2023, p. 7-14.

por documentos do 1º milênio AEC, se supõe que tenha sido composta no fim do 2º milênio AEC. Ora, a partir do período cassita (séculos XIV-XII AEC), a cidade da Babilônia, além de ser uma potência política, tornou-se progressivamente o principal centro cultural e religioso do sul da Mesopotâmia, competindo com outras cidades de prestígio nesse aspecto como Nippur. Surgiu, portanto, a necessidade de reforçar a legitimidade cultural e religiosa da cidade, o que se fez através do posicionamento do deus local Marduk ao topo do panteão mesopotâmico, um procedimento que se justifica numa sociedade onde divindades são vinculadas a cidades, e vale ressaltar que Marduk acaba assim por ocupar a posição de Enlil, deus de Nippur, o antigo centro religioso regional.

Enūma Eliš narra como, ao derrotar a entidade primordial feminina e matriz dos deuses Tiamat, vinculada às águas salgadas, Marduk, como campeão dos deuses, foi reconhecido como rei por estes últimos. Os eventos relatados começam pela origem das diferentes gerações de deuses até o nascimento de Marduk, apresentado como filho de Ea (em sumério Enki, um dos principais deuses do panteão mesopotâmico). Se parte de sua legitimidade vem de sua origem, sua vitória contra Tiamat a confirma. Após derrotá-la, Marduk mutila seu corpo a partir do qual organiza o mundo, assumindo, assim, o papel de criador/organizador do mundo, que em muitos mitos mesopotâmicos anteriores era atribuído a Enki/Ea.

Enūma Eliš é, portanto, um texto fundamental para entender a civilização mesopotâmica e as suas mutações. Além disso, manifesta forte intertextualidade com tradições locais anteriores e conectividade com culturas vizinhas. Isso faz com que sua análise detalhada necessite, além das considerações linguísticas, o domínio de um vasto conhecimento das culturas do Antigo Oriente Próximo. Com a presente edição do texto, Jacyntho Lins Brandão revelou-se plenamente capaz de enfrentar o desafio.

Seu trabalho resultou neste livro que conta com um total de 430 páginas, dentre as quais mais de 300 são dedicadas ao comentário do texto, com a explicação de cada passagem e apresentação dos argumentos de tradução. O conjunto pode ser dividido em três partes às quais se adiciona uma bibliografia. Ilustrações (fotos de tabuinhas de argila, de selos cilíndricos mesopotâmicos ou de reproduções de baixo-relevos) foram inseridas entre as principais partes do

livro e são referenciadas no fim deste. O cabeçalho de todas as páginas ímpares facilita a identificação pelo leitor das diferentes partes do livro. Na parte da tradução do *Enūma Eliš*, os cabeçalhos também indicam as diferentes tabuinhas. Só se observa uma pequena falha de edição no cabeçalho dos comentários (páginas 105-414), que indica sempre “tabuinha 7”.

A bibliografia (páginas 415-426) é atualizada e considera tanto as diferentes edições e traduções do texto como os debates historiográficos referentes. A literatura citada reflete um amplo trabalho de pesquisa sobre o tema e inclui publicações em português, inglês, francês, alemão e italiano. No que se refere às traduções anteriores, o material citado vai das primeiras tentativas no século XIX até as mais recentes. Ao longo de seu trabalho, o autor cita frequentemente suas referências e se situa em relação às interpretações propostas por estas, clarificando sua posição e argumentos, mas também demonstrando seu domínio quanto ao texto e os debates a respeito.

A primeira parte do livro é uma introdução geral (páginas 15-43) onde são fornecidas diversas informações facilitando o primeiro contato com o texto, tais como uma breve explicação do enredo e da temática do *Enūma Eliš*, a apresentação das fontes disponíveis, das traduções anteriores e do trabalho historiográfico referente. O texto é também situado no seu contexto regional mais amplo através de comparações evidenciando conexões entre diferentes tradições culturais. Entre os aspectos enfatizados nessa seção se encontram temáticas recorrentes nos mitos e narrativas regionais, como a água primigênia (páginas 23-26), a sucessão divina (páginas 26-30) e o combate contra o mar (páginas 30-34). Segue, então, a tradução do texto em si (páginas 49-101). As sete tabuinhas são separadas de maneira clara e a numeração dos versos é indicada. O autor também optou por dividir cada tabuinha em partes que ele intitula de maneira temática para que o leitor possa acompanhar mais facilmente a estrutura do texto e dos eventos, um procedimento frequentemente aplicado na área de assiriologia para as edições de longos textos literários.

A transliteração do texto acádio foi incluída na terceira parte do livro, dedicada aos comentários do texto e sua análise, onde as escolhas de tradução são argumentadas (páginas 105-414). Cada passagem é apresentada e estudada em detalhe, expondo elementos de estrutura poética (ritmo, fonética...), de natureza

linguística e gramatical, assim como comparações e relações com outros textos da tradição mesopotâmica ou do quadro regional mais amplo. Embora alguns pontos desse último aspecto tenham também sido considerados na introdução, eles são aqui aprofundados e ilustrados por passagens específicas do texto. Trata-se, sem dúvida, da parte mais relevante do trabalho, principalmente para os especialistas da área da assiriologia, oferecendo análises pertinentes e muitas vezes inéditas, inclusive na literatura internacional.

A contextualização do texto é abordada desde a primeira página da introdução onde as fontes são apresentadas (página 1), situando a composição no seu quadro geográfico, cronológico e, por fim, cultural. Por sua especialidade, não é de surpreender que o autor tenha um amplo conhecimento das fontes clássicas, que ele mobiliza para elaborar comparações pertinentes, evidenciando motivos narrativos regionais compartilhados assim como recepções do *Enūma Eliš*, como por exemplo na obra do filósofo Damásquio (páginas 39-40). Outros paralelos são estabelecidos com a tradição grega no que se refere ao nascimento dos deuses (página 35) e a sucessão divina (página 26-30) e com a tradição bíblica (páginas 20-22).

Porém, o autor não se limita a essas fontes e demonstra um conhecimento de toda a região. Mobilizar tantas tradições distintas é delicado, mas os paralelos efetuados são pertinentes e demonstram tanto o pertencimento a um amplo quadro cultural regional, que o autor define como “culturas da zona de convergência médio-oriental” (página 330), quanto especificidades locais. Por exemplo, ele assinala que o tema do combate de uma divindade contra o Mar (ou uma entidade assimilada a este ou às águas salgadas, como Tiamat) não se encontra na tradição suméria e mesopotâmica em geral, mas que o motivo é atestado na costa mediterrânea, como nas tradições ugaríticas (página 114).

Além desse quadro regional amplo, se contempla a intertextualidade e os eventuais paralelos entre *Enūma Eliš* e outros textos mesopotâmicos. Um deles, citado múltiplas vezes no livro, é o mito de Anzû (início do 2º milênio AEC), no qual o pássaro mítico Anzû rouba as tabuinhas do destino do deus Enlil. Isso leva a um confronto com o deus Ninurta, que atua como campeão dos deuses, tal como Marduk quando este enfrenta Tiamat (páginas 210-214). Muitas outras semelhanças entre as duas narrativas são evidenciadas com sucesso, não somente

na sua estrutura, mas também em alguns extratos específicos. Assim, ambos textos atribuem a Ninurta e Marduk múltiplos nomes para glorificá-los (páginas 361-362). No comentário da tabuinha 4, é também ressaltada a semelhança entre as descrições dos combates Marduk/Tiamat e de Ninurta/Anzû, onde tanto as penas de Anzû como as gotas do sangue de Tiamat são levadas pelo vento (página 252). Por fim, *Enūma Eliš* também insere em sua narrativa as tabuinhas do destino, que são oferecidas por Tiamat a Quingu na primeira tabuinha (páginas 189-193).

Alguns elementos que se encontram em diversos textos literários mesopotâmicos são igualmente enfatizados. É o caso, por exemplo, da estrutura tripartite do combate mítico (páginas 259-270) que se observa no *Enūma Eliš*, em Anzu e na *Epopéia de Gilgamesh*. Nessas três ocorrências, quando os protagonistas enfrentam seus adversários, se encontra a seguinte sequência: confronto visual (página 262), confronto verbal (página 264) e, finalmente, confronto físico (página 268). Na análise da tabuinha 5, também se resalta outro motivo intertextual: as cenas de banho que seguem a vitória do protagonista, cujo paralelo com a *Epopéia de Gilgamesh* é citado (página 316). Ao evidenciar a presença de tais estruturas em outros textos, o autor demonstra assim que alguns aspectos de *Enūma Eliš* se inserem num padrão preestabelecido e recorrente na tradição literária mesopotâmica.

Outros exemplos podem ser citados. Além da ideia de campeão dos deuses, citada acima, o autor também resalta as semelhanças no processo de criação da humanidade na tabuinha 6 com *Atrahasis* (páginas 325-338). Em ambas composições, a criação do ser humano se faz para que os deuses possam repousar e inclui a morte de um deus (página 334).

Mas o domínio da documentação mesopotâmica pelo autor não se limita aos textos literários e religiosos. Nos comentários da tabuinha 5, outras fontes são mencionadas ao tratar da organização do céu noturno por Marduk, como um astrolábio mesopotâmico (páginas 289-294). Embora a ilustração do astrolábio seja relevante e ilustre bem os argumentos do autor, se nota a ausência de referência, a qual poderia com certeza interessar os leitores desejosos de aprofundar suas pesquisas sobre essa questão. A criação da terra na tabuinha 5 e a topografia descrita (página 301) são comparadas a um mapa do mundo gravado

na tabuinha BM 92687, cujas ilustração e referência exatas se encontram na página 303.

No que se refere à tradução, o autor sempre justifica suas escolhas e as situa na tradição historiográfica, apresentando as opções de outros tradutores e indicando como se posiciona em relação a elas. Explicações linguísticas detalhadas se encontram nos comentários de todos os tabletas. Do ponto de vista puramente gramatical, o autor demonstra domínio das especificidades da língua acadiana, como os modos verbais (por exemplo, página 120). As sutilezas que resultam e seu impacto na tradução são apresentados com clareza, cada opção de tradução sendo assim argumentada.

Também se revela muito interessante a análise detalhada dos nomes de Marduk. O autor indica ter se baseado principalmente no trabalho de David Danzig,⁴ mas também apresenta as abordagens e proposições de outros pesquisadores, como W. G. Lambert,⁵ e sempre justifica suas escolhas. Para os nomes sumérios do deus, são sempre indicadas a transcrição e a transliteração. Por exemplo, o nome Mershakushu corresponde à escrita *^dmer-šà-kúš-ù* (página 367). Tal inclusão é muito valiosa, pois permite ver quais signos cuneiformes (muitas vezes logogramas sumérios) permitiram escrever o nome divino. Trata-se de um aspecto muito importante quando se considera a cultura escribal mesopotâmica, onde jogos de palavras ou, nesse caso, jogos de signos, são recorrentes, principalmente em fontes literárias e religiosas.

O autor leva essa dimensão em consideração e propõe explicações e interpretações argumentadas que integram os procedimentos de homofonia e homografia próprios à escrita cuneiforme, apresentando com sucesso a relação entre a grafia do nome com logogramas sumérios e a explicação do nome em acádio nas linhas seguintes. Vale aqui ser ressaltada a explicação do nome Lugalabdubur (*^dlugal.áb.dúbur*) (páginas 393-394), onde a homofonia entre os signos *áb* (vaca) e *ab* (mar) permitem o estabelecimento de uma relação tanto com o mito ele mesmo (no qual Marduk derrota a Tiamat, apresentada como uma

⁴ David Danzig (2013) *Name Word Play and Marduk's Fifty Names in Enūma eliš*. MA Thesis in Assyriology. New Haven: Yale University.

⁵ Wilfred G. Lambert (2013) *Babylonian Creation Myths*. Winona Lake: Eisenbrauns.

personificação das águas salgadas, o mar) como com um epíteto da esposa de Marduk, Zarpanitú, que pode ser denominada *^dnin.áb.dúbur* (página 393).

Um dos aspectos mais originais da abordagem proposta pelo autor, que reforça ainda mais o interesse de seu trabalho para os especialistas, é sem dúvida a inclusão da dimensão poética do texto, algo raramente considerado nos estudos assiriológicos, os quais se concentram geralmente mais nos aspectos linguísticos e gramaticais do texto. A estrutura poética é frequentemente evidenciada no decorrer do trabalho e se inicia já no comentário dos primeiros versos do texto com a organização quiástica das primeiras linhas (página 110). Os efeitos relativos à repetição de sons e jogos fonéticos também são considerados ao longo do texto. No canto de Marduk, no fim da tabuinha 7, se insiste, por exemplo, na recorrência de efeitos sonoros em líquidas, seja pela repetição do uso do precativo (forma verbal com prefixos em li-), seja pela inclusão de diversos termos com esse tipo de som (página 409).

Os usos do campo semântico são também evidenciados. É o caso, por exemplo, na análise das linhas 1-38 da tabuinha 6, onde se encontram diversos termos relacionados com o trabalho (página 327). O autor também enfatiza a insistência com a qual o texto trata da questão do repouso desejado pelos deuses através tanto de repetições como da mobilização recorrente de um universo de significados relacionado com a oposição repouso/agitação.

Para concluir, pode-se dizer que o trabalho de Jacyntho Lins Brandão corresponde perfeitamente às expectativas de uma edição crítica de um texto mesopotâmico. A tradução é claramente argumentada por uma análise linguística e gramatical, a bibliografia é atualizada e o autor está a par do debate historiográfico. A comparação com outras tradições regionais permite evidenciar as particularidades de *Enūma Eliš* ao mesmo tempo que o situa em um contexto cultural mais amplo.

O trabalho se distingue pela integração de uma dimensão raramente considerada na área: a análise da estrutura poética da obra, inclusive rítmica. Embora tal abordagem seja comum em estudos literários de outras disciplinas, esta é raramente aplicada na assiriologia. Porém, o autor demonstra aqui sua relevância para o estudo desse tipo de fonte, com exemplos sólidos ao longo dos comentários do texto. A implementação sistemática pelos assiriólogos dessa

dimensão em suas análises dos textos (principalmente literários e religiosos) pode com certeza evidenciar novos dados e oferecer outras chaves de interpretação para tais documentos. Através desse trabalho, Jacyntho Lins Brandão oferece uma contribuição inédita não somente por propor uma edição em português do texto, mas também por considerar as fontes cuneiformes com um novo olhar, suscetível de trazer muitos benefícios à disciplina.

Data de publicação: 06/06/2025